

CORREIO DO VOLTAIRE

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se aceita collaboração que não seja sollicitada.

CARTAS D'ALGURES

Pede-me v., meu amigo, para eu lhe dizer as minhas impressões sobre os trabalhos parlamentares, iniciados ha oito dias. Mas—repare bem—as minhas impressões não serão exactamente as suas, exactamente as de toda a gente de juizo?

Tem graça o seu pedido. E de duas uma: ou você está a brincar commigo ou... consigo. Ora, para brincadeiras, já me sinto velho. De resto, com coisas serias não se brinca. E v. quer que haja coisa mais séria do que o parlamento portuguez? Não se deixe levar por apparencias, mas desça ao fundo das coisas, e reconhecerá que tudo o que lá se passa, embora muitas vezes a rir, é tão sério como isto—revela que o povo portuguez, degenerado do corpo e da alma, não tem quem o eduque, mas quem agrave o seu estado de degenerescencia.

Quer v. tambem que eu o informe precisamente e concretamente do que o parlamento tem feito.

Parece-me que a informação será completa, dizendo-lhe: tem eleito commissões. Sabe-o v. tão bem como eu, mas deulhe para me maçar, e eu que o ature.

Pois tem de me aturar tambem a mim. E' um dos bons principios sociaes, este de nos aturarmos uns aos outros.

Ora, como lhe ia dizendo, o nosso parlamento, ha oito dias, elege commissões. E eu pergunto: porque não ha-de poupar-se-lhe esse trabalho, transferindo-o para o presidente da camara?

Pois se toda a gente concorda em que os deputados, sejam de nomeação governamental, porque não havia de concordar que as commissões parlamentares fossem nomeadas pelo presidente da camara, natural representante do governo?

Nada havia a perder, e alguma coisa se lucraria em tempo.

Depois, o serviço, como agora está organizado, é fatigante. Ao cabo de duas ou três horas, os srs. deputados não podem mais. E, com franqueza, honra sem proveito (é já dictado velho) faz muito mal ao peito. Trabalhar e chegar ao fim da semana, ou do mez, e não ver vintem, só por grande amor á arte.

Uma coisa apenas consegue

despertar a actividade dos nossos illustres representantes em côrtes: é a lucta partidaria, essa coisa, sempre immoral e escandalosa, que se traduz nesta formula breve—o penacho.

Agora a eleição de commissões... Que interesse lhes pôde despertar isso? Ou dormem, ou vão-se escapando á formiga.

Dir-se-ha, e talvez com razão, que a demora na escolha das commissões tem sido propositada, a dar tempo que surja algum incidente proprio para provocar toda a energia, toda a vontade, todo o saber dos illustres paes da patria.

Se assim é, pôdem gritar—*eureka!* A questão de Beja, segundo annunciam o *Seculo* e o *Mundo*, entrou numa phase unica, singular, e um assumpto delicadissimo, mas cheio de imprevisto, se depara ao nosso parlamento, como o mais esplendido filão que nos ultimos annos lhe tem sido dado explorar.

Sem receio de errar a previsão, pôde dizer-se que o parlamento portuguez vae bater o record do escandalo.

Teremos, enfim, um parlamento verdadeiramente... nacional. Não parecerá mais de nomeação do ministro do reino, mas de pura eleição popular.

Seu do coração

A. B. C.

LUIZ FELIX P. DE MENEZES

Ha pouco mais d'um mez, despedimo-nos, num abraço muito sincero, do nosso querido amigo Luiz Felix Pereira de Menezes que, pela segunda vez, embarcava para o Brazil, em viagem de propaganda de uma importante casa commercial do Porto, de que fôra empregado durante muitos annos, e era socio, ha alguns dias.

Partia cheio de saude e de vida, e eram tantas as suas esperanças num futuro feliz que parecia nem sentir saudades da esposa e dos filhos, a quem queria mais do que a si, e dos amigos por quem era extremamente dedicado.

Pela nossa parte foi com alegria, embora saudosa, que o vimos partir, porque dizia-nos o coração que elle ia trabalhar para a sua felicidade. Depois, a ausencia seria apenas d'uns seis mezes; durante elles teriamos, bastas vezes, noticias suas, e haviamos de recebê-lo, no regresso, de braços muito

abertos, porque viria ainda mais gordo do que partia.

O Luiz já tinha estado no Brazil e havia-se dado muito bem. Ainda não se apagou no nosso espirito a impressão estranha que sentimos, ao abraçá-lo, no regresso da sua primeira viagem.

Estavamos habituado a vêr os *brazileiros* de aspecto triste, macilento, queixando-se do fígado, aborrecidos e impertinentes, e elle apparecia-nos nutrido, de rosto prazenteiro, a vender saude e alegria.

E, quando, ainda não ha dois mezes, o vimos partir pela segunda vez, tudo isto nos veio á lembrança e concorreu, de certo, para que não nos passasse sequer pelo espirito a ideia de que elle poderia adoeecer.

A seis ou sete dias de viagem, trouxe-nos um bilhete seu as melhores noticias. Diziamos: «a viagem até aqui tem sido deliciosa». E não tinha uma palavra que significasse tristeza, desalento, antes todas revelavam satisfação e esperança.

Soubemos ainda, por carta que a esposa recebeu, que chegara bem a terras de Santa Cruz. De dia para dia, esperavamos que o correio nos trouxesse directamente a mesma noticia, porque o querido Luiz, tantas vezes ausente, nunca se esqueceu de escrever-nos.

Mas não nos escreveu d'esta, nem escreverá jamais, porque dizem que... morreu! Di-lo toda a gente, já o disseram os jornaes, mas nós ainda o não acreditamos. Ainda não nos pudemos habituar á ideia de que o não tornaremos a vêr.

Mas, toda a gente que o diz, é porque é verdade—e nós temos de acredita-lo, embora a dôr nos despedace a alma.

Perdemos um dos poucos amigos que distinguimos entre os numerosos conhecidos.

Morreu a muitas leguas de distancia, e em paiz extranho, e a impossibilidade de tornarmos a vê-lo, embora morto, intensifica o nosso soffrimento.

A biographia do Luiz resume-se em quatro palavras: trabalhou sempre, e com honestidade, e era extremamente dedicado pela familia e pelos amigos.

Morre, quando verdadeiramente começava a viver: aos vinte e cinco annos.

Era, pôde dizer-se, uma creança pela idade; mas um homem na maneira de pensar e de proceder.

Os seus actos, cheios de nobreza, não revelaram nunca humilhações, mas significaram sempre que elle comprehendia os seus deveres para com os outros e tinha a consciencia dos seus direitos cujo respeito sabia merecer.

A sua vida, tão bruscamente interrompida, fica-nos deante dos olhos como um nobre exemplo.

Nunca o esqueceremos, de pois de morto, como elle não nos esqueceu, enquanto vivo.

Havemos de amar a sua memoria, como elle nos amou a nós.

Pertence ao numero dos nossos mortos queridos.

Choremos por elle!

SCIENCIA & LITTERATURA

O Solitario de Val-de-Lobos

A cova do cemiterio de Azoia onde baixou o cadaver de Herculano no verão de 77 é, no seu isolamento, o symbolo da insensibilidade com que Portugal o sepultou. Os camponezes arrancavam das oliveiras de Val-de-Lobos tristes ramos d'essas pardas arvores melancolicas, em memoria do que vivera entre elles: sejam tambem estas palavras esboçadas pouco depois da morte do Herculano e agora de novo escriptas: sejam tambem como um ramo de saudades deposto por mão fielmente amiga sobre a pedra do sepulchro.

Os camponezes celebravam, poetica, ruralmente, um sahimento que deixava indifferentes os grandes homens de Lisboa; e assim devia ser, porque o morto fôra em vida um açoite para os poderosos, e um pae, um protector, um amigo, para esses humildes em cuja sociedade vivia. Como um Voltaire no seu retiro, Herculano era uma especie de patrono dos camponezes, defendendo-os contra os casos arbitrarios de uma justiça, de uma politica, muitas vezes cruel. O mesmo que já reclamara uma esmola para as pobres freiras de Lorvão, era o que salvava do degredo um condemnado de Azoia, victima de um erro judiciario, sem poder evitar que a cadeia o matasse com as doenças alli ganhas. Herculano, procurador do infeliz, vinha a Lisboa, pedia, batia de porta em porta, subia ás casas dos conselheiros—e com que ironia contava a sorte a que se via reduzido!—para alcançar o perdão da victima injustamente condemnada em todas as instancias. Sob uma descrença convicta nos homens, elle, afinal, tinha no coração uma ingenuidade feminina, e sob o aspecto rude de uma quasi affectada dureza, uma verdadeira meiguice, uma caridade doce, uma candura diaphana.

O seu genio produzia o seu pensamento. Era uma intelligencia lucida enkystada em formulas duras, e um coração bondoso e meigo, encoberto pela educação, sob

um exterior rigido e aparentemente hostile. Quem o ouvia, depois de o ter lido, irritava-se muitas vezes; quem o tratava não podia deixar de o amar. Ingenuo como uma creança, mais de uma vez foi visto dando o braço, nas suas palestras peripateticas do Chiado, a algum janota a quem expunha a theoria de Savigny sobre os municipios da Edade-media: o janota ouvia, orgulhoso, mostrando-se, — porque então era moda, como alguém disse, «trazer o Herculano ao peito». Se o advertiam, elle, sem se offender, ao contrario, respondia com uma falla arrastada e séria: oh, diabo!

Era a candura propria dos bons; mas o singular no genio de Herculano estava na força de uma convicção que, em vez de religiosa, era civica, e que, portanto, em lugar de se affirmar condemnando abstractamente o mundo como um mystico, affirmava-se condemnando individualmente os homens, pelos seus nomes, como um Juvenal ou um Suetonio. Ninguém lhe fallasse no Saldanha, no Rodrigo! E esta direcção que o seu estoicismo tomara levado pela vida de Portugal, fazia com que, para muita gente, Herculano passasse por um ser duro, aspero, intratavel, construido apenas com orgulhos e odios.

Mas, se no fundo do seu coração havia notas doces de meiguice e uma candidez ingenua, não foi sem duvida este o traço dominante do seu character. Ao lado da humanidade tinha Herculano a dureza e a força lusitana; e por cima da espontaneidade, abafando muitas vezes o coração, dando sempre uma forma intelligivel á força, viera a educação racionalista dar uma unidade, mais ou menos consistente, aos seus pensamentos e aos seus sentimentos. Assim, a palavra que o retrata é o Character, porque n'elle a vida moral e intellectual eram uma e unica: o contrario do sceptico, não raro santo, o proprio do estoico, não raro obtuso.

Dizemos pois Character no sentido e valor que a palavra teve na Antiguidade, e não na vaga accepção moderna. Não é a vida intermerata, não é o desprezo dos bens mundanos, o odio á ostentação van, a recusa desabrida de titulos, de honras, de lugares, que em si constituem o Character: embora a repugnancia pelas cousas mesquinhas seja consequencia indispensavel d'esse modo de existir que consiste essencialmente na afinação perfeita das régras da moral e dos principios da intelligencia, da vida do cidadão e da existencia do philosopho. O typo do character á antiga é o estoico, e este é o nome que propriamente define a physionomia de Herculano; este é o typo que passo a passo veiu crescendo até dominar nos ultimos annos, quando as lições successivas do mundo, nunca estoico e muito menos do que nunca em nossos dias, e muito menos do que em parte alguma em Portugal: quando os desenganos do mundo o degredaram para o exilio, não como martyr, mas como um homem que, protestando sempre, se não converte, nem se corrompe.

Por isso o estoico é por natureza austero e duro; e na pessoa de Herculano esse genero aggrava-se com effeito por varios mo-

tivos: já pelo seu temperamento lusitano, já pela deplorável baixa do nível moral da sociedade portuguesa, já pelo saber considerável systematisado pelo philosopho, e sem duvida alguma desproporcionado para a illustração média do paiz em que vivia. Olhando para as miserias alheias e para a alheia ignorancia, por modesto que fosse — e não o era — via-se muito acima, como homem e como sabedor. Isto, e não a coorte dos aduladores ineptos a que não dava importancia, embora a sua bondade os não fustigasse, fazia-o inconscientemente orgulhoso, porque nenhum orgulho nem pedantismo tinha para com todos os que via credores de attenção e respeito.

Do accôrdo da intelligencia e da moral vem ao estoico um pensamento bem diverso e até opposto ao dos santos, que do antagonismo sentido partem para as soluções mysticas. Esse pensamento é o individualismo, cujo traço fundamental consiste na idéa de que o homem é em si um ser completo e a unica verdadeira realidade social; a idéa de que a razão humana é a fonte do conhecimento certo e absoluto, a consciencia, a origem da moral imperativa, e a liberdade, portanto, a fórmula da existencia social. D'este modo de ver as coisas nasce aquillo a que podemos chamar o orgulho transcendente, isso que os antigos estoicos disseram *Caracter*, quando, pela primeira vez, uma tal fórmula de pensamento appareceu systematisada em doutrina.

Se na mocidade, pois, ao ver terminada a iniciação dolorosa que as suas poesias nos contam, Herculano, ainda impellido por illusões generosas, ainda incerto do destino fatal do seu genio, entrou na batalha da vida como soldado, esperando chegar a ver realisadas as normas esboçadas em seu espirito, esse entusiasmo caíu depressa; e já no ardor com que escreveu a *Voz do Propheta*, para condemnar a democracia, anti-liberal em seu conceito, se vê esboçada fugitivamente a condemnação futura dos partidos todos, sob a fórmula artificial de um estylo prophético, a *Lammenais*. O momento de se convencer das razões de uma tal sentença chegou em 1851, quando fugiu corrido de vergonha e tedio perante uma corrupção que se lhe figurava excepcional e unica. Passou á condição de caturra para os homens praticos, de orgulhoso para os simples, e de protesto symbolico contra a decadencia portugueza e contra o abatimento universal da Europa, utilitaria e imperialista, para os que, de fóra do mundo, como criticos, observam e classificam os phenomenos. Tornou-se o remorso vivo de uma nação degenerada. E' neste momento que as coisas levam o genio de Herculano a definir-se na sua pureza; e é por isso que, ao extinguirem-se-lhe as illusões politicas, principia a tornar-se um typo característico da nossa vida contemporanea. Póde dizer-se que, ao morrer para o mundo, nasce para a historia. O lugar que lhe compete, na galeria dos nossos homens modernos, é este. Embora, já antes, o seu nome tivesse andado nos programmas e polemicas, a sua individualidade não se destacava ainda senão pelo

valor adicional da reputação litteraria conquistada.

No revolver da vida agitada em que se achára, iam pouco a pouco reunindo-se, como que crystallizando, os elementos da individualidade futura, distincta e typica. A nobreza e a rectidão ideal do seu espirito tinham na sua profundidade o motivo de uma cegueira systematica para pesar e medir as coisas reaes com a imparcialidade fria de um critico ou com a caridade de um santo. Com o seu metro absoluto e integro, Herculano, na agitação do mundo, corria atraz da chimera de achar aquellos homens que o seu estoicismo concebia, aquellos raros, dos quaes elle era em Portugal um e unico. O critico, se é politico, manobra com os homens como um general com um exercito, auscultando as vontades e os caprichos, dirigindo as forças direito a um fim, sem attenção pelos instrumentos d'elle. Perante os homens, o santo tem na piedade uma força intima: a coragem que não abranda; tem o entusiasmo que o move e a caridade que lhe explica e lhe faz comprehender, em Deus, as fraquezas e as miserias da terra. Combate, pois, sem recuar, levando nos labios a palavra de união e o sorriso de uma ironia boa, ao mesmo tempo cauterio e balsamo. O estoico, porém, ferido, pára. O mundo era elle, e nada mais além da sua razão, da sua consciencia, da sua liberdade. E quando as feridas, as perseguições, os ataques, os ultrajes são profundos e agudos como os que expulsaram da politica — e tambem das letras — Alexandre Herculano, o estoico, repetindo a phrase historica do Africano, suicida-se. E' então que vivamente nasce, pois só então o caracter apparece em toda a sua pureza.

Não o mata o scepticismo: mata-o o excesso de uma doutrina imperfeita. Não descrê, e é por cada vez mais acreditar em si que foge a um mundo rebelde a ouvir a verdade. A morte não é, pois, um acto de desespero: é um acto de fé. Só a differença dos tempos fez que no suicidio de Herculano não entrasse o ferro, como entrou nos suicidios estoicos da Antiguidade. A vida assim coroada, o homem assim transfigurado num typo e a sua palavra e o seu exemplo num protesto, superior ao mundo e ás suas fraquezas, ficam aureolados com o forte clarão dos heroes, lume que aos navegantes, errando no mar escuro da vida, guia a derrota e indica o porto.

Oliveira Martins.

(Do Portugal Contemporaneo.)

ANIMA MEA

Estava a Morte ali, em pé, deante, Sim, deante de mim, como serpente Que dormisse na estrada e de repente Se erguesse sob os pés do caminhante.

Era de ver a fúnebre bacchante! Que torvo olhar! que gesto demente! E eu disse-lhe: Que buscas, impudente, Loba faminta, pelo mundo errante?

— «Não temas, respondeu (e uma ironia Sinistramente extranha, atroz e calma, Lhe torceu cruelmente a bocca fria).

Eu não busco o teu corpo... Era um trophéo Glorioso de mais... Busco a tua alma... Respondi-lhe: «A minha alma já morreu!»

Antero de Quental

Não! Tu guardas a alma no camarim, onde conservas o pó de arroz com que nos seduzes!

Margarida olhava-o pasmada, e estava a ponto de o tomar por doído.

— Adens! disse-lhe elle ainda, erguendo-se e apertando-lhe a mão. Adens para sempre! Tenho pena que não pudesses entender-me, por que és incapaz de sentir, e comprehender é egualar! Sabes tu! Se eu elevasse a Deus um voto pela tua felicidade, seria a pedir-lhe que não te desse beixigas!... Aliás ficará perdido o teu futuro, que todo depende d'essa pelle suave e magnifica, que á noite, ao clarão das luzes,

GAZETILHA AS MINHAS CARTAS

III

Sempre lhes quero contar
A maneira singular
Como um velho, meu visinho,
Resolheu, com muito tento,
Certo caso bicudinho,
Negocio de testamento.

Ao entregar sua alma a Deus,
Deixára aos tres filhos seus
Dezasete bois que tinha
O ti' Domingos Simões;
E talvez por partidinha
Nas seguintes condições:

Tinha o mais velho metade
Porque fóra na verdade
Quem muito o ajudára em vida;
Era um terço pr'o segundo;
E a nona parte cedida
Ao que viu mais tarde o mundo.

Querendo dar cumprimento
A's bases do testamento
Viram-se em palpos d'aranha
Os rapazes, pois lhes dõe
Que pr'a tal cumprir se tenha
De partir ao meio um boi.

Por acaso appareceu
O caro visinho meu,
Que era um typo assim no gosto
Do Man'el Morgado velho,
Prudente, fino, composto,
Ao qual pediram conselho.

E vai elle solução
Prompta deu logo á questão.
Mandou a casa buscar
Um dos seus bois, de repente,
Pr'aos rapazes emprestar
Por uns minutos somente.

Depois disse: «Está-se a ver
Que nós vamos aqui ter
Em lugar dos dezasete
Dezoito bois pr'a partir.
Nenhum de vós se inquiete,
A bom termo a cousa ha-de ir.

Sê nove bois receber
Nada terá que dizer
O mais velho da irmandade
E ficará até contente,
Pois devia ter metade
Dos dezasete somente.

O segundo vai dest'arte
Ter seis bois á sua parte,
Podendo dizer affeito
Que a sorte bem lhe promette
Pois um terço dos dezoito
Leva, e não dos dezasete.

De vós tres, o mais novito
Um quinhão tem pequenito.
Inda assim apanha dois
Que sempre é mais um bocado
Que a nona parte dos bois
Que vos tinha o pai deixado.

Adensinho. Levo o boi
Que simplesmente vos foi
Emprestado por momentos.
Nisto o bom do meu visinho,
Após agradecimentos,
Retirou-se co'o boisinho.

Passavam na occasião
De resolver a questão
Uns egregios mathematicos
Mui senhors do seu nariz
Que se quedaram extaticos
Por nisso não entrar x.

12—3—910

EL VIDALONGA.

encanta e desvaira. Adeus, Margarida! Fica com a tua frieza, que eu fujo com o meu amor!

Instantes depois de Pedrinho partir. Candida foi encostar-se á cadeira de Margarida, e balanceou-a para a acordar do turpor e atonia em que cahira.

—De que te esteve elle a fallar?

—De um sonho que tivera. Viu uma mulher que sou eu, e que não se parece comigo. E' meio louco!

—Pareceu-te meigo?

—Vaidoso como tu!

—Lisonjeou-te alguma vez?

—Offendeu-me sempre.

—E soffreste-o?

—Se me agrada, se lhe quero

A educação d'um poyo tem dois grandes factores no jornal e no livro. Um e outro, quando escriptos escrupulosa e conscientemente, podem orientar com segurança a vida do homem, ou abastardar-lhe o caracter, quando faltem ao amor da verdade e da decencia. No primeiro caso distinguem uma nação entre as demais, no segundo são-lhe causa de degenerescencia e, por ventura, da perda da sua autonomia.

Em Portugal abundam jornaes e livros fracos, que circulam livremente por toda a parte, embora as suas doutrinas sejam controversas e desmoralisadoras, as mais das vezes. O jornal, principalmente, é bem conhecido, pois vê-se a toda hora. Deixarei de fallar d'elle para tão sómente fallar do livro.

Tenho visto muitos livros á venda que as auctoridades deviam prohibir — pela pornographia do assumpto que versam e, ainda, porque correm sem nome de auctor.

Ler um livro de auctor ignorado é desconhecer um amigo ou inimigo, segundo elle é bom ou mau.

Ora ha pouco mais d'uma semana li um d'esses livros, emprestado, que não sei d'onde veio nem quem o fez.

Dois quesitos que o tornam duvidoso, não é verdade? Por isso mesmo não direi aos leitores qual era o seu titulo e, muito menos ás leitoras, admitindo que tenho alguma. Ninguém lucrava em lê-lo.

Era um livro incorrecto na dicção, immoral e inverosimil na idéa. Ter-me-hia esquecido se fosse melhor. Mas a estulticia d'alguns capitulos recordam-m'o ainda.

Para concretisar o que acabo de dizer basta esta apreciação psicologica de duas personagens.

O auctor — cobarde que prejudica a occultas — quiz apreciar, n'uma passagem, um *D. Juan* da cidade e um *D. Juan* de aldeia, equiparados em instrucção.

Requestam mulheres um e outro.

O conquistador da cidade é audaz, ousado mesmo, e tem para as bellas *beautades* cheias de espirito e elegancia. Foram forjadas num gabinete de restaurante com alguns companheiros de orgia e industriaes d'amor, depois de libações.

O requestador de aldeia, esse é acanhado, córa muitas vezes diante da mulher a quem falla e, não poucas, se vê em difficuldades para dizer-lhe o seu pensamento. Na simplicidade dos campos não se estudam arrebiques de estylo, e á meza esta-se com pessoas amigas, honestas e sinceras.

O auctor da obra deprecia o *D. Juan d'aldeia* porque é menos desenvolvido que o da cidade, porque não é capaz de tantas *liberdades* como elle e não tem phrases aguçadas para a mulher, e chama a isto — *Educação provinciana, acanhada, incompleta.*

Falla de educação como quem nunca a teve.

Inquestionavelmente, o livro de que fallo é d'um espirito per-

assim!

O resto da noite, para Pedrinho, passou-se em claro. Tudo foi scismar, e emprehender mil planos. A coragem de nunca mais ver Margarida pareceu consolar a sua alma. Com o chegar do dia, porém, veio o desejo de ir ainda uma vez ao theatro, e adquirir a certeza de que não a amava se nenhuma impressão sentisse ao vê-la. Baldado empenho. O fogo d'aquelles olhos, e o som d'aquella voz, tiveram o poder de encantar novamente, e a sua alma de creança não teve forças para repeller uma hora de sedução. Loucura é isso? Quem sabe?! Os ephemeros não vivem senão um segundo; mas,

vertido e imponderado. Bastar-lhe-ia ter uns lampejos de dignidade para não chamar educação acanhada, provinciana e incompleta ao que pessoas de bom senso e dignas chamariam, neste caso, vergonha, sentimento, dignidade. Não revelará, em circunstancias taes, o *D. Juan cidadão* uma educação hypocrita, falsa, degenerada e o de aldeia uma educação, sentimental, honesta e sincera?

Parece-me que é mais sincero quem falla como quer o coração e dita o espirito do que quem traz palavras engatilhadas p'ras occasiões.

Emfim d'esta passagem se pode deduzir, creio eu, a dignidade do auctor do livro e do fim a que visava.

Visava a estimular ao attentado contra a honra e contra o pudor.

Livros d'este genero deviam ser prohibidos rigorosamente e não vendidos sem reserva, como o fazem.

Isto demonstra a nossa decadencia moral.

Paulo Stacio.

PARA SERMOS UTEIS

O nosso presado assignante sr. José Ferreira Garro pedenos a publicação da seguinte carta:

... sr. redactor

A carta assignada pelo sr. J. R. e publicada no ultimo numero do seu jornal obriga-me a vir incommoda-lo novamente.

Não ha duvida que os engenheiros, que foram a Loure alinhar a estrada, entendiam que era preciso deitar abaixo parte da frente da capella, mas, se isso chegasse a realisar-se, o sr. J. R. entenderia que ficava obra linda?

Deve concordar commigo que não.

E' certo que um cavalheiro de Loure se promptificou a concorrer com 200.000 reis para as obras da nossa capella, e creio bem que ainda hoje sustentará a sua palavra, mas isso impedia que a Junta prestasse o seu auxilio? De modo nenhum.

Feitas estas considerações eu devo declarar muito sinceramente que se tenho empenho em que se faça a capella de Loure, não tenho menos de ver construido o cemiterio em S. João.

Temos já fallado todos muito. Algumas obras se tem feito já tambem, mas é preciso continua-las.

A Junta actual não quer auxiliar-nos? Vamos trabalhando sempre, com a esperanza de que a sua sucessora encare mais a serio a missão que lhe compete.

Lisboa, 4-3-910.

José Ferreira Garro.

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho — 158, Rua da Prata, 160, LISBOA

se é um segundo de felicidade... vivem bastante!...

Isto passava-se pelo carnaval. Os actores haviam ajustado entre si, irem depois do theatro a um baile publico. Duas ou tres actrizes tinham prometido fazer parte do rancho, e do numero d'estas era Margarida. Esta noticia deu-a um actor a Pedrinho, convidando-o a ser da caravana. Na idéa de matar impressões de amor pela Margarida da scena com o inevitavel desgosto que a conversação e as maneiras da Margarida da vida real lhe iam ministrar, Pedrinho accetou. Logo depois do espectáculo, subiu para um dos caleches, de que só restou um

Pedrinho

(CONTINUAÇÃO)

—Vac-te, disse-lhe. Não mereces o amor que eu te podia dar, nem o amor que cheguei a sentir por ti! O teu reino não é o coração, é o paleo; o teu futuro não é a serenidade dos affectos, mas o ruido dos applausos. Estremeço agora ao encarar o abysmo em que a paixão ia precipitarme. Podia comprar as tuas caricias e os teus beijos, mas a quem compraria, para t'as dar a ti! as sensações que o meu amor ia pedir-te?

NOTICIARIO

Fallecimento—Falleceu no dia 9, pelas 7 horas da manhã, o nosso amigo sr. Manuel Maria Martins, o Bichas, do visinho logar d'Horta, que, chegando ha tempos do Brazil, aqui fixou residencia.

Encontrava-se, já ha mezes, em casa do seu particular amigo e nosso presado conterraneo sr. José d'Almeida Barbosa que lhe dispensou todos os cuidados na sua prolongada doença.

O saudoso morto era um bom homem, muito estimado por quantos o conheciam.

Só nos ultimos tempos da sua vida o conhecemos pessoalmente, mas tivemos occasião de avaliar que era justa a consideração de que gozava.

Lamentamos a sua morte e associamo-nos sinceramente á dôr que afflige neste momento a sua familia.

Anniversario luctuoso—Passa no dia 18 o primeiro anniversario do fallecimento do nosso querido conterraneo, Alfredo Ferreira de Carvalho, que a morte surpreendeu, quando o coração se lhe enchia de esperanças.

O dia do seu fallecimento foi de pungentissima dôr para todos os seus conterraneos, tão intensa que o tempo não conseguirá apaga-la.

Como nós, todos elles, decerto, ao lembrarem-se do querido Alfredo, que está a fazer um anno a morte nos arrebatou, não de sentir as lagrimas, a quererem denunciar a vivissima saudade que a sua memoria inspira.

Furtos—Aos nossos conterraneos srs. José Granjeiro e Ricardo d'Oliveira Lopes e a um filho do sr. José d'Oliveira Lopes furtaram algumas rêdes, que haviam deitado, suspeitando quem seja o auctor da proeza. Desde que averiguem a verdade, e possam prova-la, apresentarão queixa em juizo.

No dia 25 foi presa, em casa do nosso conterraneo sr. Manuel Casimiro Dias de Figueiredo, uma mulher, encontrada a roubar gallinhas.

Entregue á auctoridade local, foi remettida para Aveiro, onde deu entrada na cadeia.

Acompanhavam-na dois meliantes que conseguiram fugir.

Ha muitos annos que se praticam aqui, com frequencia, mas impunemente, roubos de gallinhas.

Encontra-se-fa finalmente, a chave do segredo?

logar a preencher. N'outro, já os quatro logares estavam tomados. Faltava Margarida apenas.

—Teremos que esperar boas horas! disse um actor. Margarida entra na ultima scena, e levará seculos a despir-se!

N'este momento, porém, ouviu-se uma gargalhada penetrante e fina: era a actriz que subia para o caleche, vestida ainda com o traje da scena.

—Para os não fazer esperar! disse ella, fixando a vista em Pedrinho, que estremeceu quando a sentiu a seu lado.

Os caleches partiram. Pedrinho contemplou a actriz, sem poder se-

O interrogatorio da presa prestará alguns elementos para descobrir a... quadrilha?

Valle do Vouga—Por iniciativa do digno vereador e nosso presado conterraneo sr. Avelino Dias de Figueiredo, a camara municipal d'Aveiro representou ao governo, pedindo que a companhia do Valle do Vouga seja obrigada a fazer pontões sobre os caminhos que atravessam, nesta freguezia, a grande profundidade.

Bom será que a representação da camara seja attendida, mesmo para evitar que o povo manifeste o seu desagrado, como aconteceu, ainda não ha muito tempo, em Albergaria-a-Velha.

—Consta-nos que por todo este mez devem começar, nesta localidade, os trabalhos do caminho de ferro do Valle do Vouga.

Não irá sem tempo. Mas, como ainda estão algumas expropriações por fazer, o fim do mez não se prolongará até... ao fim do anno?

Longe vá o agouro. Festa de S. Sebastião—A festa do Martyr S. Sebastião, que costuma realizar-se em janeiro, mas ficou adiada para abril, revestirá, este anno, um brilhantismo desusado.

Em geral, o S. Sebastião é festejado, entre nós, com muita devoção, queremos acreditar-lo, mas tambem muito modestamente, o que não impede que seja das festas da nossa terra a que nos falla mais ao coração.

Este anno, ao que nos consta, a festividade do Martyr revestirá um caracter mais imponente. Trabalham para isso os srs. Clemente Fernandes da Silva, João Fernandes Mascarenhas e João da Cruz Pericão que tomaram a iniciativa de se dirigirem aos nossos conterraneos, que vivem em Lisboa e Porto, pedindo-lhes o seu auxilio.

Muito desejamos que nenhum o recuse, e desejamo-lo sinceramente, porque uma festa na aldeia representa o unico goso espirital para o povo.

Gralhas—No artigo O que é o «Povo d'Aveiro», publicado no ultimo numero, não escrevemos—Confessa, sem vergonha, que inconscientemente... mas sim—Confessa, sem vergonha, que conscientemente...

Falta de espaço—Por este motivo não podemos publicar neste numero alguns originaes, pelo que pedimos desculpa aos seus auctores.

quer fallar-lhe. Que surpresa foi a sua ao vê-la vestida e caracterizada assim! A mão de Margarida descancava sobre a d'elle, e os olhos de ambos encontravam-se n'um febril e apaixonado olhar. Vinha n'um costume de princeza grega, com uma larga túnica de damasco amarello bordado de vermelho, cinto de seda, e as mangas largas do traje oriental. Pedrinho nunca a havia visto tão bella, tão moça, e tão poetica! Uma atmosphera de milagrosa claridade parecia cercal-a, e apoderar-se das almas convidando-as a adoral-a. Brillava por uma graça ideal, e o olhar parecia fixar-se-lhe no infinito. Pedrinho dizia a si proprio

NOTICIAS PESSOAS

Partidas e chegadas

Regressaram da capital os nossos amigos e conterraneos srs. Sebastião Pereira de Figueiredo e Clemente Fernandes da Silva.

—Devem partir brevemente para o Brazil os nossos conterraneos srs. Jethro Fernandes da Costa e Philippe Fernandes Trindade.

—Regressou de Coimbra o nosso illustre amigo e conterraneo sr. major David Ferreira da Rocha.

Anniversarios

Fizeram annos no dia 10 os srs. Reynaldo Vidal Oudinot, illustrado professor e distincto poeta e José Rodrigues Sucena, dilecto filho dos nobres condes de Sucena e laureado alumno da Universidade de Coimbra.

A ambos, os nossos mais cordaes parabens.

Estadas

Está no Porto o sr. Generoso Sarabando da Rocha, de Nariç.

Doentes

Passa incommodada a sr.ª D. Clara Dias de Magalhães, viuva do nosso saudoso e bom amigo João de Brito Taborá.

Desejamos as suas melhoras.

Modos de vêr

(CONTINUAÇÃO)

Emquanto á pena de morte eu creio que a sociedade tem o direito de poder applica-la todas as vezes que a sua applicação seja absolutamente necessaria para promover á sua defeza e segurança, porque o faz, não por auctoridade particular, mas sim por auctoridade publica, não em nome do bem particular, mas em nome do bem geral.

Effectivamente, muitas vezes ella vê-se na necessidade de defender os seus direitos e de promover a segurança publica e de julgar grandes crimes como agora os de Ferrer, o parricidio, etc., e, devendo haver uma proporção entre o crime e a pena, n'estes casos é-lhe licito applicar a pena capital porque, embora o direito que o criminoso tem á vida seja innato e natural, tambem o direito que a sociedade tem á sua segurança e defeza é innato e natural e na collisão de dois direitos, creio que deve prevalecer o mais forte, isto é, o da sociedade.

Nem mesmo se objecte que, sendo a pena a emenda do culpado, a pena de morte não consegue tal fim, pois que, quando estudei a função judicial da auctoridade civil em face do direito natural, vi que a pena tem dois fins: principal e secundario, consistindo aquelle em reparar a ordem violada e intimidar os perversos para os afastar do crime e este, o secundario, na emenda do reu e que, embora a pena de morte não attinja sempre o seu fim secundario,

que aquella singular belleza não era da terra! A scena da vespera, a fatal scena da ceia! impediu Margarida de lhe dirigir a palavra: a elle, impediu-o de lhe fallar o encanto em que ella viera mergulha-lo. Que de ineffaveis revelações trahiou o humido olhar do pequeno, em quanto a actriz permanecia calada olhando-o, e que elle sentia todo o seu sangue affluir-lhe ao coração! No momento de se apearem, Margarida poz a mascara, e estendeu a mão a Pedrinho, que lha apertou cheio de paixão; mas nem uma palavra de algum d'elles cortou o silencio que toda essa noite guardaram.

No meio do baile, a actriz, que

dario, attinge sempre o seu fim principal.

Provado, pois, por direito natural, que a sociedade pode condemnar licitamente os malfeteiros que lhe são prejudiciaes, podemos ainda prova-lo por direito divino com uma passagem do capitulo vinte e dois do Exodo, segundo livro do Pentateuco que faz parte da S. Escripura: maleficos non patieris vivere. Ainda podia citar outra passagem do capitulo treze da epistola do grande apostolo S. Paulo ad Romanos mas não vale a pena porque o Sr. A. B. C. pode incommodar-se ao ouvir estas palavras de: Exodo, Pentateuco, S. Escripura, etc. Já se vê, pois, que posso muito bem conciliar com a minha crença de catholico a defeza da pena de morte applicada dentro d'uns certos limites e em circumstancias especiaes.

(Continúa)

P. B.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 7

Já chegaram a esta cidade alguns casaes de andorinhas. Bemvindos sejam! —Hoje, pelas seis horas da manhã, pairou sobre esta cidade, uma trovoadá formidavel, acompanhada de fortes aguaceiros.

—Desembarcou, ha dias, na estação da Ribeira Nova uma caravana de ciganos, acompanhados de burros lazarentos, macacos e cães, que vinham de Cacilhas, com ideia de fixarem aqui residencia, por algum tempo.

Porem a policia, logo que teve conhecimento da sua chegada, apressou-se a conduzi-los ás postas de Xabregas.

Vão-se prevenindo os habitantes de S. João de Loure e Eixo, porque, mais dia menos dia, lá terão a sua visita.

—Vindos de Setubal, estiveram aqui dois dias e já retiraram para Canellas os nossos amigos srs. Pelagio Dias Andrade e Manuel da Silva Carracio.

Melicias.

Azuzva, 6

Na noite de 7 para 8, arrancaram ao nosso amigo sr. Alfredo Costa 36 videiras, que deveriam talvez dar vinho este anno. Ha dias roubaram tambem ao sr. José Manças tres videiras.

Trata-se, naturalmente, de vingança, que denota sentimentos muito baixos por parte do seu auctor.

E' pena que tão grave delicto fique impune. Mas se á habilidade do criminoso se allia a incuria das auctoridades...

—Deu-se, no dia 8, na visinha freguezia de Esgueira, um desastre muito lamentavel.

Andava o sr. João Loja a semear batatas e trazia consigo um filhinho de quatro annos que se aproximou d'um tanque, não fazendo o pae caso, porque este tinha pouca agua.

Mas, dentro em poucos instantes, soffreu as consequências da sua incuria. Tendo talvez um presentimento, olhou em roda de si e não viu o filho. A correr dirigiu-se ao tanque, adivinhando o que se havia passado. Quando chegou, já o pobre innocente era cadaver.

Comprehendemos a sua grande dôr e a ella nós associamos.

Alquerubim, 9

Falleceu, hontem, na sua casa do Amial, d'esta freguezia, o sr. Miguel Rodrigues Branco, antigo escrivão de paz, e actualmente official de deligencias, d'um dos escrivães de direito em Albergaria, logar em que estava substituído por já não poder trabalhar, pois contava 85 annos d'idade.

Foi aqui, em tempo, homem de muita preponderancia e influencia, tendo alguns bens de fortuna.

Morreu, agora, completamente pobre e na miseria, abandonado dos netos que eram os parentes mais proximos que agora tinha.

dera o braço a um dos seus companheiros, disseram-lhe com um fundo suspiro:

—Porque não consenti eu que a Candida gostasse d'elle?!

—Disseram-me que é rico! replicou o actor.

—Que me importa?

—Não te importa que seja rico?

redarguiu o homem espantado.

—Gosto d'elle! disse Margarida.

—D'este pequeno?

—D'esta adoravel creança, de cujo amor não sou digna!

—Que loucura! Que uns copos de Porto te apaguem essa ideia!

Vamos ceiar ao boteguin!

Quando Pedrinho tornou n'essa

—A instancias do meretissimo Governador Civil d'este districto, o sr. Conde d'Agueda, vão ser concedidos pelo ex.º Ministro das Obras Publicas, da verba destinada a estragos dos temporaes, 24 contos, para reparar as estradas do districto.

Pouco é para a necessidade que ha, mas, bem administrados, para alguma cousa hão-de dar.

Muito necessario é que no orçamento do futuro anno economico, se votem, ao menos, 100 contos de reis para reparos dos estradas do districto. Só assim poderá arranjar-se, quando muito, a quarta parte do que é preciso.

Costa de Vallade, 9

Ainda se encontra entre nós, de visita á sua ex.ª sogra, a sr.ª D. Thereza Pereira de Mello Sobreiro, virtuosa esposa do sr. dr. José Rodrigues Sobreiro, digno conservador do registo predial da comarca de Vagos.

—Retiraram para Alquerubim as sr.ª D. Ascensão Eduarda de Mello e D. Rosalina Eduarda de Mello.

—Tambem retirou para Ilhavo o nosso amigo sr. David Francisco Moita, proposto da estação telegraphica á aqui.

—Já está na estação do caminho de ferro das Quintas, onde é digno aspirante, o sr. Alberto M. Larangeira.—Juvenal

S. João de Loure, 3

Os nossos amigos residentes em Lisboa continuam a fazer propaganda da urgente necessidade da construção d'um cemiterio, nesta freguezia, não se limitando a palavras, o que já seria louvavel, mas confirmando estas com factos, o que revela que são sinceros. E, entre estes, avulta uma subscrição, que já alcançou uma cifra regular, que muito maior seria, se porventura a Junta de Parochia desse mostras de estar disposta a fazer alguma coisa.

Mas a Junta de Parochia tem revelado o maior desleixo e a maior indifferença por este assumpto. Já lá vae um anno que o nosso presado amigo e distincto professor d'esta freguezia, sr. Alexandre Vidal, tomou a iniciativa de tão importante melhoramento, subscrevendo logo com 10\$000 reis e pedindo á Junta para pôr em pratica a sua ideia, que de certo seria secundada por todos os que estimam a sua terra.

Logo os nossos conterraneos residentes em Lisboa a applaudiram com enthusiasmo e começaram a trabalhar pela sua realisação. Algumas difficuldades se levantaram, é certo, mas qual a empresa em que ellas não surtem?

Se o retratamento da Junta significa desanimo, é lamentavel, mas mais lamentavel é que reyle incuria, hypothese que nos parece mais conforme á verdade.

Ha naquella corporação homens cheios de boa-vontade e de patriotismo, mas parece que se deixam dominar pelos que pertencem á confraria de Nossa Senhora Não te rales.

Uma das difficuldades, como já tive, occasião de dizer, é a escolha do local. As opiniões dividem-se: uns preferem o sitio denominado «a carvalheira»; outros, o passal.

Mas o criterio da maioria, talvez seja ainda o mais realisavel nestes casos. E, em ultima hypothese, a junta que resolvesse soberanamente. Tem poderes para isso. E o povo, se a elegeu, devia acatar a sua resolução.

Mas parece estar averiguado que o cemiterio não vae d'esta vez. Esperemos por nova Junta, a ver se comprehenderá melhor a sua missão.

—Realisou-se, ha dias, o casamento do nosso amigo Joaquim Dias d'Andrade com a menina Gloria d'Almeida, e o do sr. José Nunes de Sequeira com a sr.ª D. Emilia Baeta d'Oliveira.

Desejamos aos noivos muitas felicidades.

—Tem passado bastante incommodado de saude o sr. P.º Antonio Soares d'Almeida, dignissimo parochio d'esta freguezia. Desejamos-lhe rapidas melhoras.—C.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Transporte 166\$050, José Rodrigues Laranjeira 500, and Somma 166\$550.

noite a avistar a actriz, encontrou-a a uma meza, cercada de homens, com quem ria, a gritar e a contender com os que passavam. Ao ver Pedrinho, tornou-se pallida e escondeu a cabeça entre as mãos. A embriaguez a que chegára, porque o actor a obrigára a beber até se embriagar, não lhe riscára todavia da lembrança as feições d'elle, e ao reconhecer-o, tremeu de vergonha e de raiva pela consciencia do estado em que se achava. Pedrinho deixou logo o baile, e na manhã seguinte escreveu esta carta á actriz. Pobre Pedrinho! era a primeira vez que elle escrevia a uma mulher!

(Continúa) Julio Cesar Machado.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exageros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas saticas», com as quaes V. Lhacastigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que não-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

À venda em todas as livrarias

LIVRARIA CENTRAL

DE GOMES DE CARVALHO, Editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIDORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis



LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 réis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARJAS

Deposito de Material Escolar Modelos aperfeiçoados de: Cartei-ras, Caixas metricas, Contadores etc. Espheras terrestres e armillares. Museu escolar e Mapps Geographicos.

Preços muitos reduzidos

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 réis Encadernado 350

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

5.ª edição. . . 400 réis



Manuscripto das Escolas Primarias

POR Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devjdo á penna d'um amigo e conhecido de quem se pôde dizer, como alguém disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 réis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.



A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 réis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 2300 réis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100



PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbo de borracha



CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração: R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA (Pagamento adiantado)

PUBLICAÇÕES

Portugal—anno	1\$200
« —semestre	600
Africa —anno	1\$500
razil —anno—(moeda forte)	2\$200

Annuncios, por cada linha	10 réis
Communicados, cada linha	20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	—

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam.º Int.

3.º ANNO—N.º 12